



## **As consequências do deslocamento nas personagens Antonin Artaud, de *Viagem ao México*, e Max Aurach, de *Os emigrantes***

Andrelize Conceição da Silva Calheiros\*

“Sêneca mandou que eu olhasse os astros que iluminam o mundo: repare bem, nenhum deles está parado. O sol se desloca de um horizonte para o outro da cidade e se move numa corrida vertiginosa à caça da lua. A estrela cadente enfeitiça os crédulos na noite de lua cheia. E Sêneca me pergunta: Por que os seres humanos não iriam se movimentar pela terra...”.

Silviano Santiago, *Viagem ao México*

### **Da desterritorialização ao isolamento**

A migração está presente na história da humanidade. Segundo o *Dicionário etimológico* (1996), a palavra migração tem origem no termo latino *migro*, que significa “ir de um lugar para outro”. Desse modo, o processo migratório é o deslocamento de um indivíduo ou de um grupo com o objetivo de se fixar definitiva ou temporariamente em outra localidade. A mudança de territórios pode ocorrer por questões climáticas, econômicas, religiosas, étnicas ou políticas. Há inúmeros exemplos de deslocamento populacional ao longo da história: a fuga da Corte Portuguesa para o Brasil por causa das invasões napoleônicas; a migração forçada de povos africanos devido à

\* Mestranda em Estudos Literários na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

escravidão; a dispersão dos judeus para outros territórios por medo das perseguições nazistas; o movimento da população rural para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Em suma, o ser humano está sempre em trânsito. O conceito que será analisado neste artigo procura comprovar essa premissa. Ele envolve a definição de “desterritorialização”, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que aparece pela primeira vez na obra *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (2010).

Entendemos essa noção – “desterritorialização” – como elemento importante para compreendermos a necessidade do indivíduo de se movimentar para outros espaços com o intuito de reconstrução identitária e histórica. Todavia, sujeitos que não conseguem se identificar em determinados espaços por traumas sofridos em suas vidas, ou simplesmente por não conseguirem mais se adaptar ao ambiente em que viviam, passam por um processo de “desterritorialização”<sup>1</sup> e precisam encontrar um novo lugar para se reconhecer como parte dele.

Segundo Deleuze e Guattari, a noção de “desterritorialização” está atrelada à de território. Para eles, o território pode estar ligado ao povo e ao vínculo criado nas relações de coexistência e complementaridade com os outros; há também a territorialidade dos animais, que constroem, abandonam ou refazem seus territórios.

Outro fator relevante é que o mundo animal é demarcado e constituído por diferentes tipos de zonas, sejam de abrigo, de caça

<sup>1</sup> “O termo desterritorialização tanto está ligado à noção de deslocamento de um corpo/sujeito de um espaço/território físico para outro como também relacionado à ideia de uma passagem que compromete laços, vínculos afetivos. À desterritorialização segue-se a ‘relocalização’ ou a reterritorialização, engendrando novos espaços, novos sentimentos, gerando um enfraquecimento dos laços precedentes e articulando outras ‘experiências e condutas’” (Paranhos: 2010, 151).

ou zona de neutralidade. As zonas de abrigo, por exemplo, são demarcadas pelos odores que os animais carregam e difundem, com o intuito de proteger seu território dos predadores ou evitar que sejam usurpados por outros da mesma espécie. Além disso, Deleuze e Guattari também fazem menção a duas linhas de fuga. A primeira seria um espaço preservado para garantir ao animal o retorno em segurança ao seu meio associado quando o perigo aparecesse; quanto à segunda, essa

linha de fuga aparece quando o meio se acha transtornado sob os impactos do exterior, e o animal deve abandoná-lo para associar a si novas porções de exterioridade, apoiando-se, desta vez, nos meios interiores como frágeis muletas. Com a secagem do mar, o peixe primitivo deixa seu meio associado para explorar a terra, forçado a “transportar a si mesmo”, e só carregando água no interior de suas membranas amnióticas para proteção do embrião. De uma maneira ou de outra, o animal é mais aquele que foge do que aquele que ataca, mas suas fugas são igualmente conquistas, criações (1995, 68).

Assim, a territorialização é atravessada, de um lado a outro, por linhas de fuga que geram os movimentos de desterritorialização e reterritorialização. Portanto, para Deleuze e Guattari, não há uma noção de território sem a saída deste, da mesma forma que não há a desterritorialização, ou seja, o movimento daqueles que deixam seu território, sem um esforço para se reterritorializar em outro lugar. Assim, o processo de desterritorialização apresentaria um aspecto positivo, tendo o seu reverso na reterritorialização. É

importante explicar que a reterritorialização não significa retornar a um espaço primitivo, “ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua” (Deleuze; Guattari: 1996, 41). Resumidamente, podemos entender que a desterritorialização é o movimento de abandono do território, e a reterritorialização é o movimento de restituição do território.

Como se pode notar, nem sempre o processo de desterritorialização é voluntário; ameaças externas podem levar às linhas de fuga. A territorialidade dos seres humanos não é tão diferente da dos animais, pois, assim como eles, os sujeitos têm sua zona de segurança e, também, suas linhas de fuga. Na obra *Os emigrantes*<sup>2</sup> (2002), de W. G. Sebald, o personagem Max Aurach se vê obrigado a fugir do seu país de origem por causa das perseguições nazistas. O jovem vai viver com o tio em Londres a fim de reconstruir sua vida, ou seja, Aurach precisa se desterritorializar para se reterritorializar. Ele, entretanto, quer reconstituir seu território buscando apagar as marcas do anterior. Por isso, decide ir morar em Manchester para não ter contato com os outros judeus, nem com o seu passado. Para sua infelicidade, a cidade se torna o abrigo de muitos estrangeiros, inclusive dos próprios judeus.

<sup>2</sup> A obra do autor alemão W. G. Sebald é composta por quatro novelas. A narrativa é um híbrido de ficção, história, memória e lembrança que parecem reais e uma série de fotografias que buscam trazer veracidade aos fatos narrados, servindo como recurso documental. A obra narra a história de quatro personagens centrais: Dr. Henry Selwyn, Paul Bereyter, Ambros Adelwarth e Max Aurach. Na versão inglesa da obra, o nome do personagem Max Aurach mudou para Max Ferber; além disso, duas imagens foram retiradas do romance, uma que reproduz um quadro de Auerbach; e outra, a fotografia que destaca o olho do pintor. Isso aparentemente aconteceu porque Frank Auerbach não queria ser tão intimamente identificado com o livro, agora que estava se tornando inglês.

Fatores externos também podem transbordar o território, fazendo com que o sujeito seja obrigado a procurar um novo ambiente onde possa se reencontrar. No romance *Viagem ao México* (1995), de Silviano Santiago, Antonin Artaud não consegue se adaptar ao desenvolvimento ocorrido na cidade de Paris. Ele é um sujeito fora do lugar.

Eu tinha virado um homem das cavernas, transportado por um ato milagroso para o meio daquela rua parisiense, atirado para dentro do canal de edifícios, ensurdecido pelas vozes e gritos dos passantes. Um homem das cavernas que, remando contra a corrente dos fluxos urbanos, pela primeira vez estava sendo acotovelado por braços, obrigado a esbarrar em pessoas estranhas; tinha me transformado num amontoado de carne e osso parecido a uma bola de futebol chutada para o meio do trânsito tumultuado pelas máquinas, buzinas, barulhos de motor, passantes, vozerio, *ça va, et toi?*, abraços, adeus, o todo controlado por três cores distintas que luziam alternadamente no alto de um poste (Santiago: 1995, 28).

As mudanças na cidade parisiense obrigam o personagem a se refugiar no cinema mudo para poder manter o contato com seu eu interior. Quando isso já não basta mais, ele decide empreender uma viagem ao México para, entre outros motivos, buscar a harmonia entre o físico e o espiritual alcançada pela civilização asteca.

Aurach também se refugia no seu ateliê em Manchester para evitar o contato com a realidade. Tal motivo faz com que se isole na cidade onde vive. Manchester é seu lugar de segurança; nas poucas

vezes em que precisou ir a outro, se sentiu ameaçado por fatores externos.

Manchester me possui definitivamente. Não posso nem quero nem devo mais sair daqui. Até as inevitáveis viagens a Londres uma ou duas vezes ao ano por causa de estudos me oprimem e me inquietam. Esperar nas estações das ferrovias, ouvir os anúncios nos alto-falantes, sentar no trem, olhar a paisagem que passa lá fora e me parece inteiramente estranha, suportar os olhares dos outros passageiros, tudo isso me atormenta (Sebald: 2002, 169).

As inquietações vividas por Aurach e Artaud demonstram que são sujeitos deslocados. Ambos apresentam os mesmos problemas: isolamento, busca pelo reconhecimento profissional, dependência química, delírio e questões identitárias. Essas obras demonstram como os processos evolutivos contribuem para a concepção de sujeitos em crise. Em “A ficção contemporânea em tempos de desassossego”, Paulo César Silva de Oliveira afirma que “individualismo, capitalismo, globalização, mundialização, cultura planetária expressam os modos de ser de um tempo de desassossego e naufrágio da esperança, conforme bem definiu Lucia Helena (2012, 22), para quem há uma ‘semântica do naufrágio’ que [...] perpassa uma série de obras e autores contemporâneos” (Oliveira: 2016, 105). Para Lucia Helena, várias obras,

criando a ideia da viagem no horizonte do precário, absorvem a semântica do naufrágio a partir de uma rede de significações nas quais desponta o homem em crise, isolado

e pressionado pela força contundente e profunda de energias emocionais mutiladoras, movidas pela incapacidade de convivência ética e solidária, em um mundo competitivo e narcísico (Helena: 2012, 22).

A modernidade e, conseqüentemente, as pressões do dia a dia fazem o homem buscar um espaço preservado no qual se sinta seguro, como a casa. O contato com o outro torna-se cada vez mais fugaz, gerando sujeitos solitários. Não há como deixar de relacionar as mudanças sofridas pelos personagens com o conceito de “não-lugar”, de Marc Augé. Na obra *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade* (2009), o antropólogo francês observa como as transformações do espaço impactam no conceito de sociedade, dando lugar a indivíduos solitários, assim como ocorre com Artaud e Aurach.

As transformações na Europa do início do século XX causam um mal-estar entre o intelectual da época e o espaço cultural em que vive. No caso do intelectual europeu representado pela subjetividade de Artaud, esse incômodo ocorre pela carência de recursos materiais – já que estamos falando de um período marcado pelo pós-guerra, pelas dificuldades econômicas e estruturais – e, principalmente, pela perda de recursos “intelectuais” da Europa burguesa, devido ao acelerado processo de modernização. Desse modo, a relação de Artaud com a nova Paris faz com que ele se torne um espectador das transformações que a capital sofre em ritmo tão acelerado que ultrapassa o ritmo da vida, levando o personagem a não se sentir mais parte de tal realidade. A falta de identificação gera um homem solitário; a única pessoa com a qual mantém contato é o narrador de sua história. Mesmo assim, em alguns momentos, Artaud ignora a sua presença. A viagem-busca do personagem compreende um forte componente existencial. É só no

deslocamento e na socialização com outros povos que ele reconstrói sua identidade, como quando é convidado por “Ferra-o-Duque” para ir à cerimônia do “Padê de Exu” e, a partir dali, passa a carregar junto ao corpo a espada de Ogum, transformando-se num sujeito muito mais aberto à relação com o outro e com novas culturas.

Da mesma forma que Artaud, Aurach também é um sujeito do não-lugar. Ter que pegar o trem para ir a Londres causa um enorme incômodo. O único local onde costuma ir é a um restaurante, mas não se observa contato dele com os outros clientes. Ele prefere o isolamento do seu local de trabalho. Outro ponto é que Aurach não quer manter contato com o seu passado. Ele se afasta de tudo que lembra os judeus e a Alemanha, até mesmo o alemão se torna uma língua estranha. Diferentemente de Artaud, que volta à França após o seu período de exploração no México, Aurach jamais retornou ao seu país de origem: “Quando penso na Alemanha, disse ele, em minha cabeça ela parece uma coisa louca. E provavelmente pelo receio de ver essa loucura confirmada, nunca mais estive na Alemanha” (Sebald: 2002, 181).

Somente no segundo encontro com o narrador, quase duas décadas depois, o pintor conta as mazelas vividas por sua família por causa da perseguição nazista: o fato de o pai ter de entregar a galeria ao sócio ariano, de ter os quadros e objetos de luxo confiscados pelo governo alemão, a demissão do tio do colégio onde lecionava latim e grego, a fuga para Inglaterra e, por fim, a prisão e morte dos pais em um campo de concentração. Max não modifica o seu nome judeu a fim de se adaptar melhor ao novo país, como faz o Dr. Selwyn, outro personagem da obra de Sebald, mas procura construir uma nova identidade. A relação com o outro foi minimizada para haver a relação com ele mesmo. Aurach simboliza a imagem da solidão, portanto.



## **Sujeitos em crise: marcas físicas e psicológicas do deslocamento**

O deslocamento forçado e as dificuldades de adaptação são marcas visíveis nesses personagens. Soma-se a isso a sensação de fracasso profissional. Esse processo mexe com a mente e o corpo de ambos. Artaud deixa sua cidade de origem, Marselha, para se aventurar pelo teatro em Paris. Lá, ele não consegue ter o êxito esperado; liga-se ao movimento surrealista, mas acaba sendo expulso por suas opiniões contrárias. Vivendo de pequenos papéis em filmes e peças teatrais, Artaud necessita da ajuda dos amigos para sobreviver. No meio disso, se vicia no láudano, o que o faz se internar por vezes em clínicas de reabilitação, porém nunca consegue levar o tratamento até o final. Tudo isso dá a ele um aspecto esquelético, seja por tomar pouco sol ou pela alimentação deficitária, já que vive enclausurado nos quartos onde se hospeda, dedicado ao trabalho de escritor, e come pouco para economizar o dinheiro. No período que passa no navio até chegar a Havana, capital de Cuba, onde a embarcação faz uma escala, Artaud passa a pegar sol com mais frequência, além de ter à sua disposição um cardápio mais variado nas refeições feitas durante o percurso, o que lhe dá uma aparência mais corada e uns quilos a mais. Vê-se que o deslocamento em busca de novas perspectivas tem um impacto positivo no aspecto físico do personagem.

O personagem de Sebald também se apresenta como profissionalmente fracassado. É claro que o Holocausto lhe causou um trauma muito difícil. É importante ressaltar que o genocídio dos judeus tem um impacto muito maior em outros personagens de *Os emigrantes*, os quais veem na morte uma forma de libertação do trauma vivido. Max Aurach, diferentemente de outros judeus, não se mata, porém, vê-se na sua forma de viver – isolado num ateliê

escuro e em ruínas numa cidade também em ruínas – uma busca pelo esquecimento. O narrador, no primeiro contato com ele, sente certo desconforto por causa da iluminação presente no local onde Aurach pintava, pois o ambiente era todo entregue à escuridão com apenas uma luz no centro, onde se localizava o cavalete no qual o pintor trabalhava por horas. O ato de desenhar com os bastõezinhos de madeira de salgueiro queimada, apagando o retrato para pôr outro por cima, deixava Aurach todo coberto de carvão. Há um tom melancólico na obra, principalmente pela presença do cinza, seja em Manchester, dominada pelas indústrias e suas chaminés, seja pelo ateliê onde o personagem se encontra, tomado pela poeira e pelo carvão. O ambiente *noir* serve como um espelho dos traumas vividos pelo sujeito, por isso, ao ver a cidade londrina, Aurach tem a sensação de ter chegado ao lugar que lhe fora destinado. Os horrores do Holocausto marcam principalmente a alma do personagem, o que fica visível quando ele vai ao museu em Colmar para ver a exposição dos quadros de Grünewald:

O horror do sofrimento que, partindo das figuras apresentadas, impregna toda a natureza para emanar de volta das paisagens apagadas sobre as figuras humanas dos mortos, agora se agitava em mim, subindo e descendo como as ondas do mar. E paulatinamente, olhando os corpos feridos, os corpos das testemunhas da execução curvados pelo sofrimento como juncos, compreendi que em determinado momento a dor anula sua condição de existir que é a consciência, e com isso talvez – sabemos muito pouco a respeito – anula a si mesma. Em contrapartida, a dor da alma é praticamente infinita (Sebald: 2002, 170).

O delírio afeta igualmente a percepção da realidade, situação que é agravada devido à dependência química. Tanto Artaud quanto Aurach dependem de medicamentos. O teatrólogo se vicia no láudano, enquanto o pintor passa a ser dependente de remédios para dormir. As duas químicas causam delírios nos personagens. Artaud, ao tentar se desintoxicar, sonha que está no Egito, onde dança e rivaliza com os deuses egípcios. Max Aurach tem alucinações como a tentativa de Santo Antônio no retábulo de Isenheim e a visão de seu gato morto andando pela casa. Portanto, o deslocamento apresenta consequências nos sujeitos, visto que nem todo mundo consegue se adequar a uma realidade diferente da sua.

### **Narradores deslocados e o projeto de reconstruir a história do outro**

Os dois narradores – de *Viagem ao México* e de *Os emigrantes* – são escritores, anônimos, solitários e também vivem em deslocamento. No romance de Silviano Santiago temos um narrador que está no Rio de Janeiro e conta, na década de 1990, a história do escritor francês. O diálogo entre eles rompe com as perspectivas de tempo-espaço, visto que é Artaud quem relata, na Paris dos anos 30, sua trajetória para o narrador brasileiro. No entanto, em algumas passagens do romance, vemos o narrador com Artaud caminhando por Paris, seguindo em viagem rumo ao país mexicano, inclusive interagindo com outros personagens da mesma época do teatrólogo. Em contrapartida, na obra de Sebald, o narrador habita o mesmo espaço-tempo de seu objeto de estudo. Ele se muda para a Inglaterra, viaja a Manchester e visita Aurach para escrever a história do pintor judeu. Após esse contato, o narrador percorre diversos lugares a fim

de coletar dados para sua pesquisa. Não se sabe o porquê de decidirem narrar a biografia desses personagens, mas o que se vê é que o contato com eles faz com que esses narradores se modifiquem. É importante salientar que Antonin Artaud realmente existiu, já Max Aurach é inspirado em um pintor germano-inglês, Frank Auerbach. As obras têm um misto de realidade e ficção, característica de ficções migrantes.

O narrador de *Viagem ao México* inicia sua narrativa abordando a dificuldade de escrever e a necessidade de fazer-se monstro para produzir o texto: “Para escrever este livro, invento-me monstro, da maneira como só os navegantes sabem inventá-lo durante o transcorrer da viagem descoberta” (Santiago: 1995, 11). A metáfora da escrita como um monstro transmite ao leitor as problemáticas do processo de criação. Da mesma maneira o narrador de *Os emigrantes* relata os contratempos em se escrever a história do outro:

Era um trabalho muito laborioso, que muitas vezes empacava durante horas ou dias, e não raro voltando atrás, quando eu era constantemente atormentado por escrúpulos cada vez mais perceptíveis, que me paralisavam cada vez mais. Esses escrúpulos provavelmente tinham a ver com o objeto de minha narrativa, a que eu pensava não conseguir fazer justiça, e com a precariedade da profissão de escritor (Sebald: 2002, 228).

Narrar a história do outro não implica uma transcrição total dos fatos. Além do mais, tais obras baseiam-se na memória, que, como sabemos, é falha. Conforme aborda Márcio Seligmann-Silva, ao citar Borges, não há como traduzir o passado sem o trabalho da imaginação. Seligmann-Silva também traz o conceito de Benjamin

acerca do historiador. Na concepção benjaminiana, a seletividade atua no campo da memória, cujo objetivo é escolher quais momentos do passado serão arquivados. Há uma relação entre memória e esquecimento, por isso ele vê na figura do historiador um catador de trapos, que procura “salvar os cacos do passado sem distinguir os mais valiosos dos aparentemente sem valor” (Seligmann-Silva: 2003, 77). Tanto a obra de Silviano Santiago como a de Sebald buscam reescrever a história desses sujeitos, problematizando questões como deslocamento, identidade, memória e história. Vê-se que os fatos são selecionados a fim de compor o passado desses personagens. Assim, trechos são suprimidos, reinterpretados, esquecidos ou imaginados. A autonomia do narrador que, por vontade própria, reinterpreta os fatos da vida de Artaud, é bem presente em *Viagem ao México*. A rivalidade entre ele e o personagem pelo protagonismo da história é tão grande que o autor francês chega a questioná-lo sobre isso. No entanto, o narrador tenta comprovar que sua narrativa condiz com o que está sendo dito pelo francês, como no trecho a seguir, em que Artaud vai à embaixada conversar com o adido do México. Mesmo não estando presente, o narrador descreve todos os diálogos desse encontro. E, para certificar-se de que são verídicos, entrega o texto a Artaud para que ele o avalie.

Para que não duvidem da autenticidade da cena imaginada e escrita por mim, acrescento que dias mais tarde dei a ele aquelas páginas para a leitura. Me disse que muitos detalhes do ambiente eram falsos, os diálogos por demais ríspidos, algumas informações pouco exatas [...]. O mais importante – frisava – é que o *todo* é verdadeiro. E isso é o que importa (Santiago: 1995, 124-5; grifo do autor).

É similar a atitude do narrador de *Os emigrantes*, que pretende levar os seus escritos a Aurach. No entanto, ele não tem tanta certeza da excelência do seu trabalho, porque, após tanto escrever, acredita que sua versão abreviada da vida de Max tenha sido um fracasso. Isso faz com que hesite em levar o texto ao pintor. Sabemos que a narrativa abrange pouco sobre o Holocausto, entretanto o objetivo não é destacar as mazelas sofridas pelos judeus, mas como esse processo deixou marcas naqueles que sobreviveram ao genocídio. Logo, uma história pode apresentar diversas versões, e cada uma delas varia de acordo com a intenção de quem conta. Como afirma Seligmann-Silva,

não existe uma História neutra; nela a memória, enquanto uma categoria abertamente mais afetiva de relacionamento com o passado, intervém e determina em boa parte os caminhos. A memória existe no plural: na sociedade dá-se constantemente um embate entre diferentes leituras do passado, entre diferentes formas de “enquadrá-lo” (2003, 67).

A reescrita do passado não pretende contar a versão dos vencidos, mas trazer outras histórias para que o leitor possa ter outros parâmetros dos fatos. É por esse motivo que personagens como Antonin Artaud e Max Aurach protagonizam essas obras, pois simbolizam sujeitos que vivem na pós-modernidade, que sofrem com os impactos das transformações sociais, culturais e econômicas.

### **Considerações finais**

*Viagem ao México* e *Os emigrantes* são obras que mesclam história e memória. Ambas procuram, por meio do passado,

reconstruir o presente. A lembrança é o que auxilia nessa reconstrução, uma vez que o “trabalho da história e da memória deve levar em conta tanto a necessidade de se ‘trabalhar’ o passado, pois as nossas identidades dependem disso, como também o quanto esse confronto com o passado é difícil” (Seligmann-Silva: 2003, 77). Nesse sentido, ao retratar a vida de personagens reais, essas obras apontam leituras múltiplas da história.

O deslocamento é o mecanismo propulsor da narrativa, já que os dois personagens são sujeitos em trânsito. A partir da des-territorialização, observamos o modo como a mudança de território pode afetar um sujeito. Mesmo assim, a partir do momento em que se pega um avião ou um navio, a história precisa ser narrada.

## Referências

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobre-modernidade*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: 90 Graus, 2009.
- BRASILEIRO, Marcus V. C. *Deslocamento e subjetividade em João Gilberto Noll, Silviano Santiago e Bernardo Carvalho*. Tese de doutorado em Filosofia. Minnesota: Universidade de Minnesota, 2010.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- HELENA, Lucia. *Náufragos da esperança*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.
- OLIVEIRA, Paulo César Silva de. “A ficção contemporânea em tempos de desassossego”. In: HELENA, Lucia; OLIVEIRA, Paulo César Silva de (orgs.). *Uma literatura inquieta: memória, ficção, mercado, ética*. Rio de Janeiro: Caetés, 2016, pp. 95-117.
- PARANHOS, Ana Lúcia Silva. “Des(re)territorialização”. In: BERND, Zilá. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, pp. 147-66.
- SANTIAGO, Silviano. *Viagem ao México*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- SEBALD, Winfried Georg. *Os emigrantes*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento”. In: \_\_\_\_\_. (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, pp. 59-88.



## Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar comparativamente os processos de desterritorialização sofridos por Antonin Artaud, personagem de Silviano Santiago em *Viagem ao México*, e Max Aurach, personagem da obra *Os emigrantes*, de W. G. Sebald. Ambos vivem conflitos pessoais que os levam à migração. Artaud busca no México a reformulação do teatro francês e a cura para o seu vício; Aurach encontra em Manchester um lugar seguro para fugir do seu passado e do holocausto. Tomando por base as conceituações formuladas por Gilles Deleuze e Félix Guattari acerca desse tema, procuramos compreender como os deslocamentos afetam os sujeitos seja física ou psicologicamente. Detemo-nos no processo narrativo empregado pelos narradores das obras. Os dois narradores também são seres deslocados e procuram, no árduo trabalho de contar a história do outro, construir suas próprias histórias. Recontar uma história não é uma tarefa fácil, porque a memória é seletiva, trazendo à luz somente os fatos que o sujeito achar relevantes, enquanto outros são esquecidos. Palavras-chave: desterritorialização; isolamento; história; memória.

## Abstract

This essay proposes to compare the deterritorialization process suffered by Antonin Artaud, the protagonist of Silviano Santiago's novel *Viagem ao México*, and Max Aurach, W. G. Sebald's character in *The Emigrants*. Both migrate as a consequence of their personal conflicts. Artaud seeks in Mexico the reformulation of the French theatre and the cure for his addiction; Aurach finds in Manchester a safe place to keep away from his past and holocaust. With the support of Gilles Deleuze's and Félix Guattari's conceptualization on this theme, we intend to understand how displacements affect subjects, both physically and psychologically. The narrative process used by the narrators is also important to the analysis. The narrators are equally displaced persons, and the hard task of telling someone else's story is for them a means of constructing their own story.

Retelling a story is not easy, because our memory is selective, bringing to light only the facts evaluated as relevant while others are obliterated.

**Keywords: deterritorialization; loneliness; history; memory.**